

JESUÍTAS E DAIMYÔS. EVANGELIZAÇÃO E PODER POLÍTICO NO JAPÃO DO SÉCULO XVI

Jorge Henrique Cardoso Leão*

RESUMO: O trabalho tem por objetivo compreender a forma de percepção que os jesuítas tiveram da guerra civil japonesa (*Sengoku Jidai*) e da necessidade dos padres em estabelecer, através dos meios de mediação, uma estratégia de aproximação das elites locais como forma de proteção diante da situação política delicada que o arquipélago vivenciava, assim como a tentativa de promover um movimento de evangelização em cadeia, a partir da conversão dos *Sengoku-Daimyôs*.

PALAVRAS-CHAVE: Jesuítas no Japão – História do Japão – Relações Luso-Nipônicas.

JESUITS AND DAIMYÔS. CONVERSION AND AND POLITICAL POWER IN JAPAN XVI CENTURY

ABSTRACT: This article aims to analyze the jesuits's perception about the Japanese civil war (*Sengoku-Jidai*) and their needs to establish strategies to approach the local political power as a way to protect them against the civil war and to promote a conversion process based on the *Sengoku-Daimyôs*.

KEYWORDS: Jesuits in Japan – History of Japan – Portuguese-Japanese Relations

Durante o *Período Heian* (VIII-XII), o Japão vivenciou o auge de seu Estado imperial. Em meio esta situação de paz, garantida pelas armas, duas categorias passaram a se destacar no cenário político nipônico: os *samurais* (guerreiros e/ou cavaleiros) e os *daimyôs* (aristocracia guerreira). Com o passar dos séculos e da importância dessas categorias na política do país, a ascensão dos Minamoto (XII-XIV) assinalou a criação do *Bakufu*¹.

Politicamente enfraquecidos e impotentes, os imperadores passaram a ser assessorados por um poderoso *daimyô* que incorporava a função de líder supremo da aristocracia guerreira conhecido como *Xogum*. Mediante a situação do enfraquecimento do poder central, outros clãs passaram a lutar pela hegemonia política do país. Assim, outra grande família, os Ashikaga, teria assumido o controle do *Bakufu*.

* Mestrando em História Social pela UERJ, pós-graduado em História Militar Brasileira pela UNIRIO e graduado em História pela UGF. Bolsista de pesquisa pela FAPERJ, vinculado aos grupos Companhia das Índias (UFF) e ao Núcleo de Estudos Inquisitoriais (UERJ) como pesquisador discente (mestrado). Áreas de interesse e pesquisa: História do Império Português, Jesuítas e Inquisição no Oriente, Relações Luso-Nipônicas nos Séculos XVI-XVII. Email: jorgehcleao@aol.com.

¹ Termo utilizado para se referir ao *Governo do Xogum*. Cf. Glossário in YAMASHIRO, José. *História dos Samurais*. São Paulo: Ibrasa, 1993

Durante a regência do novo clã (XIV-XVI), as disputas familiares chegaram ao ápice. Este período caracterizado pelos historiadores, por uma espécie de anarquia feudal é conhecido como *Sengoku-Jidai*. No Japão, a ausência de um poder centralizado, tal como na China, por exemplo, favoreceu os comerciantes e os missionários, a se aproximarem do poder local – *daimyôs* e *samurais* – como forma de garantir segurança e incentivo para suas atividades (ALDEN, 1996).

A chegada dos primeiros mercadores portugueses ao arquipélago, em 1543, na região de Kagoshima os colocaria em contato com a família local dos Shimazu. Tempos depois, aproveitando-se da relação de proximidade dos mercadores portugueses com o senhor de Kagoshima, os primeiros padres teriam aportado nesta mesma região, em 1549.

Como tentativas de aproximação dos Shimazu, tanto os jesuítas quanto os mercadores valeram-se dos benefícios do comércio internacional, introduzindo em sua província produtos europeus, indianos e chineses, sobretudo, as armas de fogo (THOMAZ, 1993). Francisco Xavier, por mediação de um intérprete, Anjirô, consegue uma embaixada com o líder local Shimazu Takahisa. Este aristocrata que teria sido seduzido primeiramente pelos produtos estrangeiros e, depois, incentivado pelos padres a se tornar cristão, sabia que esta era a única maneira de fazê-lo próximo aos portugueses, para garantir seus benefícios de ordem material (COSTA, 1995).

Utilizando a experiência da história de vida e da conversão de Anjirô, juntamente com a apresentação de algumas relíquias religiosas, os jesuítas procuraram converter o *daimyô* local. Este primeiro caso bem sucedido de conversão do dito fidalgo e de sua família estimulou os jesuítas a desenvolver sua estratégia de aproximação das elites locais. Porém, na análise das fontes, é visível que a configuração do cenário político e das guerras senhoriais no país era algo nebuloso e confuso para o entendimento dos primeiros missionários².

Ao aportar em Kagoshima e converter o *daimyô* Shimazu, Francisco Xavier recorre ao novo aliado para financiar sua viagem até a capital do país, Miyako, com objetivo de converter o *rei do Japão*³. Como estratégia de convencimento, o próprio missionário desejava por “bom cuidado de trabalhar com o rei do Japão, para que

² Cf. as correspondências de Francisco Xavier em [COMPANHIA DE JESUS], *Cartas Que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus Escreveram dos Reynos de Japão & China (1549-1580)*. Ed. Fac-sim de Évora, 1598. Maia: Castoliva Editora, 1997.

³ Termo de época, designado pelos jesuítas, para referir ao Imperador do Japão.

mande um embaixador à Índia, para que veja a grandeza e coisas dela, das quais eles carecem” (XAVIER, 1997, p. 6). Ou seja, em se tratando da fidalguia e da realeza japonesa, fica clara a utilização, por parte dos missionários, do comércio como mediação para atrair os *daimyôs* à conversão. A partir dessa longa viagem, o missionário começa a ter contato com outras províncias, e ficou evidente, a partir de sua percepção, que o país passava por uma espécie de guerra civil.

No ano de 1550, quando Francisco Xavier chega à ilha de Hirado, em Arima (Hizen), teria sido recebido pelo *daimyô* Omura Sumitada. Aqui, mais uma vez, destacamos o papel de Anjirô enquanto agente mediador entre os jesuítas e o senhor local. Convertido, o senhor de Arima (Hizen) é batizado pelo nome cristão de Dom Bartolomeu. Sua conversão é bem recebida pelas expectativas dos jesuítas, que esperavam com isso receber “licença escrita em tábuas pelas ruas, como ele folgava nesta cidade, e em seus reinos e senhorios fosse manifestada a lei de Deus, e que quem a quisesse a tomar a tomasse” (TORRES, 1997. p. 17).

Apesar de terem caído nas graças do senhor local, os missionários enfrentaram a ofensiva dos bonzos da província, que “aborreciam em grandíssima maneira nossa santa fê, a qual proíbe tudo o que eles fazem” (TORRES, 1997. p. 17), por reprovarem a atitude do *daimyô*.

O *daimyô* de Arima parece ter sido peça fundamental para a atuação missionária e dos mercadores no arquipélago. Ele, por exemplo, vai abrir os portos de Nagasaki aos *nanban-jins*, e desde cedo esta cidade iria ser considerada um dos grandes entrepostos comerciais portugueses no Japão, durante todo o século XVI (COSTA, 2007).

Durante os anos que se sucedem às guerras senhoriais, os padres, como o próprio Luís Fróis se surpreenderam com a devoção e o apoio dado pelo *daimyô* e sua corte de *samurais* (FRÓIS, 1997. p. 135). O missionário chega a mencionar o interesse dos Omura e dos Arima, inclusive do próprio Dom Bartolomeu de acabar com as comunidades de bonzos que se espalhavam por toda sua província – visto que estes sacerdotes podiam ter propriedades e constituir riquezas (YUSA, 2002).

O caso de Dom Bartolomeu é fundamental para entendermos como as tentativas de aproximação dos jesuítas surtiram o efeito esperado. Uma vez, no ímpeto de afastar os bonzos de seus senhorios, Dom Bartolomeu, “com seu esquadrão fez deter a gente, e adiantando se mandou tomar o pagode, e queimá-lo, e depois ao templo todo, e

trazendo-lhe o galo, lhe deu um golpe com sua mesma espada, dizendo, O quantas vezes me enganaste” (FRÓIS, 1997, p. 135).

Este *daimyô*, assim como parte de seus *samurais*, durante as guerras, passou a levar em consideração não só apenas seus interesses políticos, em meio a *Sengoku-Jidai*, mas também, levava consigo a expectativa dos jesuítas mediante uma espécie de *Guerra Santa* contra os bonzos e os demais senhores gentios.

O próprio Luís Fróis menciona a influência dos jesuítas sobre os clãs Omura e Arima, agora, liderados pelo padre João Fernandes, na tentativa de expandir o cristianismo através de suas guerras senhoriais. Muitos desses guerreiros e parte da fidalguia local parecem ter aderido aos adornos e aos símbolos cristãos como estandartes em suas batalhas, como segue a descrição do padre: “A divisa que na guerra trazia entre outros principais, era um Jesus Cristo com três cravos pintados no vestido, que lhe ficava um em cada ombro, outro nas costas, e uma cruz de ouro ao pescoço, e suas contas na cinta” (FRÓIS, 1981, p. 132).

Retomando os primeiros passos dados por Francisco Xavier, por volta de novembro de 1550, saindo de Arima (Hizen), ele chegaria à província de Yamaguchi. Como estratégias de mediação, os jesuítas utilizaram-se mais uma vez do *dojuku*, Anjirô ou Paulo de Santa Fé, como estímulo a conversão do *daimyô* local, além de sempre trazerem consigo ícones e imagens, cujo papel fundamental era ilustrar as representações da liturgia Católica⁴.

Com a conversão de Ouchi Yoshitaka e de sua família, os missionários teriam conseguido autorização para pregar em toda sua província. Porém, precocemente, por volta de 1551, este mesmo *daimyô* cristão, após uma rebelião em seus domínios, resolve resgatar sua honra tirando a própria vida através do ritual do *Bushido* chamado de *Seppuku* ou *Hara-Kiri*⁵. Notamos a partir deste caso que, assim como no de Dom Bartolomeu, muitos dos *daimyôs*, mesmo sendo cristãos, não abandonaram os valores construídos a partir da filosofia e da religião da terra. Na concepção cristã, um indivíduo que tira a própria vida – que é seu bem mais precioso –, jamais terá a misericórdia

⁴ Através da leitura mais detalhada das fontes, percebe-se que os jesuítas tentaram estimular, como de costume, a conversão por meio das imagens. Dentre o número de cartas lidas, nota-se que eles davam preferência às imagens e ícones referentes a Jesus Cristo e à Virgem Maria. Contudo, fica impossível ter uma noção mais precisa dessas imagens, pois muitas delas ou foram destruídas ou se perderam no tempo. BOXER, Charles Ralph. *Fidalgos no Extremo Oriente (1550-1770)*. Macau: Fundação Oriente e Centros de Estudos Marítimos de Macau, 1968.

⁵ Rituais específicos do *Bushido* que envolviam a prática do suicídio pela espada como forma de recuperar a honra do guerreiro. Cf. Glossário in YAMASHIRO, José. *História dos Samurais*. São Paulo: Ibrasa, 1993

divina. Ao contrário, por exemplo, o *Bushido* dizia que em nome da honra de um guerreiro, o mesmo teria que se sujeitar até a própria morte para resgatá-la, se fosse o caso. Deste modo, os jesuítas teriam ficado abismados com tal atitude gentílica, mas, sabiam que não poderiam condenar o *daimyô* e sua família, pois eles tinham na sua respectiva província uma posição estratégica. E não para menos, seu sucessor Ouchi Yoshinaga seguiu com o legado do cristianismo, até a ascensão de Toyotomi Hideyoshi.

Após a conversão do senhor de Yamaguchi, Francisco Xavier chega à capital Miyako em 1551. Porém, sua embaixada de apresentação ao imperador japonês fracassa, diante da posição do *Xogum* Ashikaga Yoshiteru em preservar sua divindade (PINTO, 2004). Ao retornar para as mediações de Kyushu, os jesuítas chegam à região de Bungo e através do incentivo por parte da experiência cristã na província de Yamaguchi – deve-se levar em conta que o senhor de Yamaguchi e de Bungo eram parentes – conseguem converter Otomo Yoshishige. Assim como os senhores de Arima (Hizen), Otomo Yoshishige, ou melhor, Dom Francisco, tirou rapidamente proveito das boas relações com os mercadores portugueses, através do contato com os missionários (SÁ, 2006).

Após a morte de Francisco Xavier, muitos dos senhores e de suas famílias, que se cristianizaram, fizeram com que suas províncias servissem de suporte para os missionários e os mercadores, porém, devido à situação de guerra civil, estas alianças tornavam-se muito voláteis. Como se pode observar em uma correspondência de 1554, escrita pelo padre Pedro Alcáçova, que se refere à situação de Bungo, dizendo que

achamos a terra alvoroçada de uns três grandes senhores, que queriam matar o rei. De maneira que ao segundo dia da Quaresma de 1553. andava já a terra muito mais alvoroçada: e vieram os cristãos dizer ao padre, que pusesse haviam de queimar e saquear a cidade. E vendo o padre a agonia em que o rei estava, mandou a João Fernandez que fosse a sua casa, e se lhe pudesse falar, lhe dissesse que tomasse sua Alteza muito animo, porque Deus favorece e livrasse todo trabalho aos que tem bons desejos, e que ele rogaria Deus que o livrasse de seus inimigos (ALCÁÇOVA, 1997. p.. 23).

Apesar disso, os demais padres, como por exemplo, Cosme da Torres deram continuidade ao legado na tentativa de Francisco Xavier de decodificar o sistema de objetos e os códigos culturais dos japoneses. A prova disso é a perseverança deste padre em manter boas relações com os *daimyôs* cristãos, sobretudo, o de Bungo, como se observa que,

neste mês de setembro veio o rei a nossa casa, e ceou nela com muito contentamento. Depois de ceia se lhe fez uma prática, e por derradeiro

nos mandou dizer por um senhor dos que vinham com ele, que nos queria dar renda para sustentar aos que manifestação a lei de Deus em sua terra. [...] Assim que o favor desse rei é muito grande para os portugueses, bem creio eu que o faz por lhe contentar a maneira os portugueses, ou também porque se saiba na Índia ou em Portugal (TORRES, 1997, p. 52).

Em outras duas cartas escritas pelo próprio *daimyô* Otomo Yoshishige, este por sua vez, através da capacidade em produzir textos em português, o que demonstra o grau de intensidade e da influência dos jesuítas sobre sua província, diz, de maneira indireta, o verdadeiro motivo que o faz tolerar os missionários em suas terras. Como podemos observar:

os desejos que sempre tive de favorecer as coisas da Companhia creio que lhe veria à notícia, e se desejo vitória do rei de Yamaguchi, uma das coisas e para tornar por lá os padres melhor e com favores do que eles estavam primeiro: e para os meus desejos poderem vir a esteiro me é necessário ajuda de vossa senhoria. A qual é, que portadas as vias mande defender que não venha salitre a esta terra, e somente para defesa dos meus Reinos me traga o capitão-mor dez picos de bom salitre casa ano. Pelos quais lhe darei cem tais ou o que vossa Senhoria lhe ordenar: e por esta via será desapossado o tirano de Yamaguchi, e admitindo o Senhor natural que eu tenho em minha companhia (OTOMO, 1997, p. 250).

Como consequência do legado de Francisco Xavier, a política de aproximação e conversão dos *daimyôs* ganhou novo fôlego com a chegada do missionário Luís Fróis ao arquipélago em 1563 (ALVES, 1997. p. 27-38). O jesuíta teria se dedicado especificamente em alargar as fronteiras da evangelização no país, levando os missionários até Honshu, e em finais de 1564 teria chegado à capital do país. Durante a temporada que permaneceu em Miyako e nas regiões adjacentes, Luís Fróis obteve sucesso significativo para o catolicismo europeu.

Seguindo um modelo de aproximação baseado nas relações hierárquicas, Luís Fróis teria primeiramente estimulado as relações com a corte, com a burocracia e com *samurais*, para depois chegar ao *Xogum*. Após ter convertido parte da família do *Xogum* e dos funcionários do imperador, o padre chega a ter acesso aos locais mais restritos, como o complexo palaciano tanto do *Xogum* quanto do imperador (FRÓIS, 1997, p. 178-181).

Foi na cidade Miyako que aconteceu um dos casos mais interessantes de mediação e hibridismo. Pouco antes da expulsão dos jesuítas da capital, decorrente da instabilidade gerada pelo assassinato do *Xogum* Ashikaga Yoshiteru, em 1565, o padre Luís de Almeida se refere ao caso da filha de um *daimyô* cristão, chamado Dom

Sancho, conhecida como Mônica (ALMEIDA, 1997, p. 162-163). A menina, que era jovem, teria sido prometida em casamento a um tio mais velho. Como de costume no Japão, assim como na Europa, as famílias patriarcais, quase sempre, escolhiam o destino de sua prole. Diante do convite de casamento do seu tio, que era bonzo, Dom Sancho não teve como recusar. Indignada e insatisfeita com a posição do pai em ter arranjado seu matrimônio com um parente mais velho, a jovem apela para a intervenção do padre – que era freqüentador assíduo da casa de Dom Sancho.

Tomando ciência do assunto, Luís de Almeida ouve as lamúrias da moça que diz cortar seus longos cabelos em sinal de castidade e de comprometimento com a religião. Sabendo do interesse e da devoção de Mônica, o jesuíta tenta convencer por inúmeros argumentos o pai a não casar a menina com o tal tio. Em defesa de Mônica, o padre diz, em primeiro lugar, que sendo o *daimyô* um cristão devoto, este jamais poderia permitir que sua filha se casasse com um gentio, ainda mais um bonzo. Do lado oposto, utilizando-se da sua concepção de identidade enquanto japonês – que a esta altura estava em conflito – Dom Sancho se volta para o padre dizendo que perante os costumes locais, aquela família que recusasse um pedido de casamento passava a ser mal vista diante da comunidade de aristocratas, e por isso tinha receio (ALMEIDA, 1997, p.162-163).

Como segundo argumento sustentado a favor de Mônica, o jesuíta volta-se mais uma vez ao pai dizendo que, sendo ele cristão, o mesmo deveria saber que aquela família que possuísse um filho ou filha entregue aos votos com Deus, seria, portanto, mais bem abençoada. Mônica então, diz que assim como as *Miko*, deveria despir-se dos seus longos cabelos e de suas roupas elegantes em sinal da vida sacerdotal⁶. Pela inexistência de conventos no Japão, o padre diz à menina que não precisava ser radical a tal ponto, e permite que ela ajude, aos padres, na igreja com suas pregações e atividades. Assim, rompendo com a tradição de seu país, Dom Sancho e Mônica são os exemplos do legado jesuítico no Japão.

A morte do *Xogum* permitiu a ascensão de Ashikaga Yoshiaki, porém, indiretamente o *Bakufu* é entregue à influência direta de Oda Nobunaga. Nascido em 1534, este senhor teria herdado do pai a pequena e próspera província de Owari, em Honshu. Por volta de 1556, teria iniciado o processo de unificação do país conquistando

⁶ Tipo de virgem que leva uma vida monástica e se dedica aos exercícios religiosos do xintoísmo, auxiliando os bonzos e bonzas durante o culto. YUSA, Michiki. *Religiões do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2002.

algumas províncias mais próximas. Um dos fatores que teriam se tornado definitivo no processo de expansão de seus exércitos foi a introdução das armas de fogo (MASON, e CAIGER, 1999).

Por mais que as áreas de comércio e de atuação missionária tenham se restringido ao complexo de Kyushu, os produtos e a doutrina cristã se espalharam por quase todo o país. Esta situação gerou um episódio controverso em Honshu: de um lado, o contato com os ocidentais era visto de forma negativa, como no caso dos constantes conflitos contra os bonzos da doutrina *Zen*. Do outro, os produtos importados pelos mercadores portugueses – principalmente as armas de fogo –, e os aspectos do catolicismo teriam chamado a atenção, sobretudo, de Oda Nobunaga, que mesmo assim,

não havendo comércio luso-nipônico em Honshu, o interesse dos grandes senhores pelos religiosos não era estimulado por razões de ordem material, o que tornava os padres muito mais permeáveis aos ataques dos bonzos, os monges budistas, que não viam com bons olhos a propagação de uma nova fé (COSTA & NOBUNAGA, 1999, p. 109).

A partir da década de 1560, liderados pelo padre Luís Fróis, os jesuítas, no intento de pregar em Honshu, foram pessoalmente recebidos em Owari por Oda Nobunaga. Ele teria sido grande admirador dos produtos e artefatos trazidos pelos *bárbaros do Sul*. Contudo, Oda Nobunaga tinha consciência de que para ter acesso a tais benefícios, deveria se relacionar de forma amistosa com os padres jesuítas, uma vez que, em Honshu, eles serviam como intermediários destes mercadores (BOXER, 1993).

Graças a isso, os missionários ganharam autorização para pregarem em Owari e nos territórios conquistados pelos exércitos de Oda Nobunaga. Considerado “gentio protetor dos missionários” (COSTA & NOBUNAGA, 1999, p. 112), este *daimyô* estimulou o serviço dos jesuítas, pois estes o ajudavam a combater as comunidades controladas pelos bonzos.

Os territórios controlados por estes sacerdotes espalhavam-se a longo de seus domínios, assim, Oda Nobunaga temia que o poder dos bonzos sobre a população local viesse a se tornar um dos grandes obstáculos à unificação do país. Então, ele procurou estimular o choque cultural e religioso, entre os jesuítas e os bonzos, como forma de enfraquecê-los (FRÓIS, 1997, p. 04).

Devido à forma enérgica e violenta com que tratava seus opositores, Oda Nobunaga fora acusado de tirano e ditador (FRÓIS, 1981)⁷. Porém, para os jesuítas, este *daimyô* teria estimulado o desenvolvimento de suas atividades. Sob sua proteção os missionários tiveram autorização para construir um seminário em Arima e outro Omi, assim como, a construção de uma igreja de Nossa Senhora de Assunção, em 1576, na capital Miyako.

A chegada do jesuíta napolitano Alexandre Valignano, na função de visitador do Japão no ano de 1579, teria estimulado ainda mais as boas relações entre os portugueses e Oda Nobunaga. Junto com Luís Fróis, Organtino Soldo e Lourenço Mexia foram recebidos pessoalmente no Castelo de Azuchi (COSTA & NOBUNAGA, 1999).

Os anos entre 1573 a 1578 são marcados pelo sucesso das campanhas militares de Oda Nobunaga no país lhe rendeu o título de *Tenka*⁸. Destacando a tese de Merleau-Ponty sobre a percepção, fica claro que os missionários jesuítas, ainda ligados ao fenômeno etnocêntrico da expansão cristã sob aspecto cruzadista, confundiram a figura de Oda Nobunaga com a de um defensor e aliado da causa missionária e do cristianismo⁹.

Durante a virada do ano de 1573 para 1574, os exércitos do *Tenka* varreram os clãs Asakura, Asai e Takeda. Nos relatos do padre Luís Fróis, a rápida vitória das forças de Nobunaga deveu-se a introdução das armas de fogo no campo de batalha. Nas palavras do padre Gaspar Coelho fica visível a admiração dos portugueses por este *daimyô*, chegando até a atribuir os seus sucessos no campo de batalha à competência divina. Segue dizendo que:

Nobunaga, que com seu esforço, e árduo um pequeno reino que tinha em pouco tempo se fez senhor de toda a monarquia do Japão, e possui agora trinta e quatro reinos, e vai ao alcanço dos outros esperando ser senhor de todos os mais que ficam, e segundo vai vitorioso se a morte lho não impedir parece que se efetuará seu intento. É tão temido este senhor, e tão reverenciado de todos os senhores do Japão, que ainda os seus inimigos lhe cometem partidos muito honrosos por adquirir sua amizade, e ele confia tanto em se poder, que nenhum partido aceita

⁷ Cf. a percepção formada pelo padre Luís Fróis, a partir dos acontecimentos políticos e militares que levaram Oda Nobunaga ao poder. FRÓIS, Luís. *História de Japam (1565-1578)*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. v.2.

⁸ Termo que tem por significado *Aquele que está Abaixo dos Céus*, cujo título foi designado a Oda Nobunaga por ter sido o primeiro grande *Sengoku-Daimyô* a tentar unificar o país. Cf. Glossário in YAMASHIRO, José. *História dos Samurais*. São Paulo: Ibrasa, 1993

⁹ Segundo sua teoria, quando o indivíduo se depara com algum tipo de situação, o mesmo procura através de sua consciência assimilar os dados e transformá-los, de acordo com seus padrões e valores perceptivos, em um fenômeno capaz de ser compreendido. MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

senão de sujeição de criados. Este homem parece que escolheu a Deus para aparelhar, e disposto o caminho à nossa Santa lei, sem ele entender o que nisto faz, porque não somente estima em pouco, e despreza os *Kami*, e *Fuke* aquém os japoneses têm tanta devoção, mais ainda é cruel inimigo, e perseguidor dos bonzos, e em seu reino tem destruídas tantas e tão principais varelas e mortos tantos bonzos, e desfavorece tanto a todos eles, que as seitas deles estão já muito abatidas. Tomou ocasião para isto da resistência que lhe fizeram alguns bonzos, porque como em diversas seitas viviam muito ricos, e poderosos, e eram senhores de grandes fortalezas, e ricas terras, resistiram lhe de maneira, que por vezes o puseram em grade aperto, e se estes bonzos não foram, ele fora já senhor de todo Japão (COELHO, 1997, p. 30).

Nem todos os cristãos que lá estavam percebiam as ações de Oda Nobunaga como algo positivo, sobretudo, o clero cristão japonês. Em 1581, o cristão convertido conhecido como Lourenço nos fala que

as casas de Nobunaga são riquíssimas, e muito suntuosas, e é o ouro tão basto nela que tem as telhas de frente estão reluzindo a soberba deste gentio não se pode declarar porque se tem uma reputação quase divina nem lhe parece haver outra pessoa no mundo igual, tratasse com tanto estado, e magnificência que nem ainda o filho lhe fala por si, mas por terceiro, e interprete. É tão temido em todos seus reinos que não se pode crer, e posto que é tirano, e cruel com tudo estão estas terras em tanta paz quanta se nunca viu em Japão de muitos anos a esta parte (MEXIA, 1997, p. 16).

A partir do ponto de vista do japonês Lourenço vemos que, ao contrário dos jesuítas, este é capaz de perceber de forma diferente a concepção dos fenômenos políticos e sociais ocasionados a partir da expansão de Oda Nobunaga.

Além de não ter passado pelo sacramento do batismo, tido como rito de passagem para os católicos da época e como forma de identificação do princípio da cidadania portuguesa, Oda Nobunaga financiou a construção de um templo em Azuchi-yama, voltado para o culto de sua personalidade¹⁰. Esta parece ter sido uma falta gravíssima e que gerou uma reviravolta nas relações com os missionários.

No decorrer do ano de 1582, a tensão em torno da disputa pelo poder no Japão se acirra e a tentativa de unificação política do país, sob a égide de Oda Nobunaga, chega ao fim. Vítima de uma conspiração tramada por seus generais, o *Tenka* é assassinado na cidade de Honnoji em Miyako, pelo seu general Akechi Mitsuhide.

O próprio Luís Fróis teria retratado seu fim de forma irônica e rancorosa. O sentimento que o jesuíta tinha poderia ser explicado pela alteração na percepção que o

¹⁰ Cf. Os Ritos da Instituição em BOURDIEU, Pierre. **O que Falar quer Dizer: a economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.p. 109-134.

mesmo teve de Oda Nobunaga, após ter construído o templo para sua veneração, assemelhando-se ao próprio Deus. Para o padre, Oda Nobunaga

determinou finalmente por romper na temeridade, e insolência de Nabucodonosor, pretendendo ser de todos adorado, não como homem terreno, e mortal, mas como se fora divino, ou senhor da imortalidade, e para efetivar seu nefando, e abominável desejo, mandou fazer um templo junto de seus paços em um monte que esta separado da fortaleza, onde escreveu o intento de sua venenosa ambição, em q dizia desta maneira, transladado do Japão em nossa linguagem [...] E posto que como disse arriba, que Nobunaga em todo o discurso de seu governo fez sempre pouco caso do culto, e adoração dos *Kami*, e aos *Fuke*, agora parece chegado ao ultimo de sua cegueira, e persuadido pelo demônio mandou trazer para por naquele templo de Anzuchiyama diversos reinos os ídolos, que por Japão eram mais venerados. [...] todavia como Nobunaga chegou a tamanha insolência, e temeridade, querendo para si usurpar o que só a Deus criador, e redentor do mundo se deve, não permitiu que Deus nosso Senhor que lhe durasse muita a complacência que teve na vista daquele concurso de gente, porque desde aquela festa em que se fez aquela adoração em Anzuchiyama a dezenove dias seu corpo estava feito em pó, e cinza na terra e sua alma sepultada do inferno (ALMEIDA, 1997. p. 62).

Para os missionários jesuítas a morte de Oda Nobunaga iria dar um novo rumo às missões cristãs no país, assim como também, para os mercadores portugueses. Nas palavras da historiadora Ana Fernandes Pinto, vale salientar que

a ascensão política de Toyotomi Hideyoshi, em 1582, representou uma alteração significativa na aceitação da presença jesuítica no arquipélago nipônico. Se inicialmente as relações entre aquele guerreiro e os membros da Companhia de Jesus tinham sido pautadas pela cordialidade, a verdade é que a amizade que unia os missionários a alguns dos principais senhores da política local, muitos deles cristãos, parece ter despertado receios no então senhor do Japão (PINTO, 2004. p. 23).

De origem humilde, segundo os jesuítas, Toyotomi Hideyoshi nasceu por volta de 1537, e nos finais de 1550 teria se alistado nas fileiras dos exércitos de Oda Nobunaga. Se destacando pela engenhosidade no campo de batalha e pela embaixada junto ao *Xogum*, aliado de Oda Nobunaga, o mesmo chegou à condição de general e, por sua riqueza, a de *daimyô* (PINTO, 2004, p. 102-109).

Descrito como franzino e de traços brutos pelos japoneses, Toyotomi Hideyoshi recebeu o apelido de *kozaru* – macaco japonês –, o que lhe rendeu pelo imaginário jesuítico a característica de ser considerado um homem de “perversa natureza” (FRÓIS, 1981, p. 398), e de cobiça excessiva. Sendo que “esta, como raiz de todo os males, o tem feito cruel, invejoso, falso, enganador, mentiroso, mutável e fazer cada dia tantas

injustiças e tiranias, que a todos tem posto em admiração. É muito fingido e cheio de vícios, e jacta-se em fazer enganos” (FRÓIS, 1981, p. 398).

Suas características físicas e sua origem humilde foram consideradas pontos de críticas por parte dos jesuítas, quando ele começa a perseguição. Luís Fróis ao se referir as informações coletadas a partir do encontro entre Toyotomi Hideyoshi e o vice-provincial da Companhia de Jesus no Japão, o padre Gaspar Coelho, define a predisposição do *daimyô* em tomar tal atitude de ignorância contra os missionários por este ser

filho de um pobre lavrador [*Yasuke*], e ganhava sua vida sendo moço de cortar lenha no mato, vendê-la e sustentava-se com isso; e ainda agora não nega porque não pode, e diz que pura pobreza andava vestido em umas esteiras velhas por não ter outra coisa que por sobre si, todavia tinha animo e era ardiloso [...] Deixou aquele ofício baixo e começou a servir na guerra de soldado [...] E depois que Nobunaga veio a conquistar aquele reino, por ser bom soldado e cavaleiro, o veio a acrescentar em renda e opinião em sua corte: mas como era de baixo sangue, quando passava a cavalo por alguns senhores principais, descia e os outros fidalgos ficavam a cavalo (FRÓIS, 1981, p. 398).

Recluso no castelo de Nagahama, ao norte da província de Omi, o general se torna um dos *braços direitos* de Oda Nobunaga na tentativa de unificação do país. Ele teria assumido a liderança sobre o paiol das armas de fogo, de Kunitomo, e assim, sua produção teria sido incentivada. Neste período, por conta da boa disposição do *Tenka* em receber os jesuítas, Toyotomi Hideyoshi não esboçou nenhuma reação contra os padres, ao contrário, autorizados a pregarem dentro do império de Oda Nobunaga, os jesuítas tiveram acesso também aos domínios deste general (PINTO, 2004).

Após o assassinato de seu suserano, Toyotomi Hideyoshi consegue sua vingança e se torna o grande sucessor de Oda Nobunaga, no processo de unificação do país. Dois anos depois, no intuito de expandir seus domínios, Toyotomi Hideyoshi se envolve em uma guerra contra o, até então aliado, Tokugawa Ieyasu. Em 1585, pela ausência de uma concorrência político-militar à altura, Toyotomi Hideyoshi recebe o título de *Kampaku*¹¹, tornando-se o regente do imperador. Em 1586 juntou forças para uma importante armada para fora do arquipélago em direção à Coreia e à China (JANSEN, 2000, p. 17-24).

Voltado mais para o controle das diretrizes políticas do país e para as questões militares – *interna e externa* – Toyotomi Hideyoshi deixou a desejar quanto ao controle

¹¹ Título designado para se referir ao *Regente do Xogum*. Cf. Glossário in YAMASHIRO, José. *História dos Samurais*. São Paulo: Ibrasa, 1993.

sobre outros aspectos importantes no âmbito interno do arquipélago. Assim, ele contribuiu para que os jesuítas e os mercadores portugueses ganhassem espaço no país.

Em 1587 a situação mudaria de rumo. Promulgado por Toyotomi Hideyoshi, em 25 de julho de 1587, o Édito de Hakata declarava a expulsão dos missionários do arquipélago (ELISON, 1983). Porém, antes de sua publicação, o padre Gaspar Coelho teria tentado se aproximar do *Kampaku* e, através de um último encontro, convencê-lo a se converter ao cristianismo. Assim, o padre tentou estimular Toyotomi Hideyoshi a pensar sobre os malefícios que o demônio poderia trazer para seus domínios sem a presença dos missionários cristãos (FRÓIS, 1981)¹². Porém, Toyotomi Hideyoshi tinha uma concepção diferente do que era o mal, então, responde ao padre se referindo aos próprios jesuítas como os agentes do mal e desarticuladores da religião natural (FRÓIS, 1981, p. 398).

Na seqüência do debate, o próprio *Kampaku* diz ao vice-provincial da Companhia de Jesus no Japão os motivos que o levaram a publicar o Édito de Hakata. Na suposta tradução literal feita pelo padre,

a primeira, razão porque vós outros fazeis cristãos nesta terra de Japão da maneira que até aqui os fizestes? Melhor fora que vos acomodareis aos bonzos das outras seitas, os quais pregam, em suas casas e templos, mas não andam com tanta sede incitando a gente de uma parte para a outra que se façam de sua seita como vós outros[...] A segunda coisa foi: qual é razão, porque vós outros comeis cavalos e vacas, sendo coisa tão fora de razão [...] A terceira: eu tenho sabido que os portugueses e os sioneses e cambojanos que vem a estas partes fazer suas fazendas, comprem grande numero de gente e a levam para seus reinos, desnaturando os japoneses de sua pátria, de seus parentes, filhos e amigos, e isto é coisa insofrível (FRÓIS, 1981, p. 402).

Notamos a partir desse trecho que, ao contrário dos *daimyôs* de Kyushu e de Oda Nobunaga, mais do que nunca, o choque gerado pelas diferenças de identidades entre o novo líder do Japão e os jesuítas teria sido o grande motivo da expulsão dos padres. Em primeiro lugar, ao contrário do individualismo das religiões do Japão, o cristianismo, assim como a política imperial do *Kampaku*, almejava o expansionismo sobre todo o arquipélago. Daí, o possível receio dos missionários e dos *daimyôs* cristãos viessem a se tornar uma das principais ameaças à unificação do país.

Em segundo lugar, Toyotomi Hodeyoshi, referindo-se aos princípios e valores da vida monástica dos bonzos de sua terra, demonizou o comportamento dos jesuítas, tais

¹² Cf. os capítulos 53 e 54 de FRÓIS, Luís. *História de Japam (1583-1587)*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. v.4.

como, o de comer carne vermelha, por exemplo. Sendo assim, na sua percepção religiosa do que ele concebia como clero, tudo aquilo que fugia aos parâmetros das religiões e seitas do país era visto como algo maléfico.

Por último, esta justificativa, mais política até do que religiosa, o *Kampaku* se refere aos demais portugueses, os mercadores, como espécie de aliciadores que levavam os japoneses cativos para as regiões fora do arquipélago. O jesuíta diz ao general que o assunto não competia a alçada aos padres. Porém, Gaspar Coelho promete que pedirá ao vice-rei do Estado da Índia e ao capitão de Macau para tomarem as devidas providências (FRÓIS, 1981, p. 403-405).

Mantendo sua posição com relação à promulgação do Édito de Hakata, Toyotomi Hideyoshi acabaria gerando o ódio dos jesuítas. Apesar dos missionários terem se voltado contra Oda Nobunaga, eles chagaram a se referir à ascensão do *Kampaku* como fruto de sua cobiça e corrupção. Refletidas como obras de possessão do demônio, Toyotomi Hideyoshi investiu contra os padres. Assim, com

o peito abrasado em ódio contra a lei de Deus, não achava ocasião nenhuma para quebrar com a Igreja, pela prontidão e vigilância que se cá tinha em o servir, e não discrepar em coisa que lhe pudesse dar no coração, começou aquela mesma noite a prorromper em furor e em blasfêmia contra Deus Nosso Senhor, e em vitupérios contra os padres e cristandade toda (FRÓIS, 1981, p. 400).

O padre Luís Fróis lembrou que depois da promulgação do Édito de Hakata, a maioria dos bonzos – *motivados pela vingança durante o período de restrição imposto na gestão de Oda Nobunaga* – passou a incentivar a população local e os *daimyôs* gentios a porem em prática a perseguição aos missionários, como medida a fazer valer as determinações do governador da *Tenka*¹³. Como em uma espécie de parlamento, os senhores locais tomaram conhecimento do Édito de Hakata e teriam adotado-o como um tratado de conciliação e obediência diante da autoridade do *Kampaku* (FRÓIS, 1981, p. 406).

Tendo em mente que as guerras senhoriais não haviam terminado, Toyotomi Hideyoshi sabia que as armas de fogo trazidas pelos mercadores eram importantes na sua estratégia militar. Por isso, ele teria deixado claro ao publicar o Édito a determinação de que os *daimyôs* não fizessem mal a aqueles *que* “viessem fazer suas fazendas” (FRÓIS, 1981, p. 407). E que “daqui por diante somente mercadores, mas

¹³ Além do uso político do termo *Tenka*, como já dito, este pode designar o próprio Japão, como uma espécie de país celestial, na visão dos xintoístas. Cf. Glossário in YAMASHIRO, José. *História dos Samurais*. São Paulo: Ibrasa, 1993.

quaisquer outras pessoas que vierem da Índia, e não fizerem estorvo às leis dos Kami e Fuke, podem vir livremente ao Japão, e assim o saibam” (FRÓIS, 1981, p. 406-407).

Após este grande incidente, os missionários tiveram suas atividades limitadas às imediações de Kyushu. Apesar da publicação do Édito de Hakata, Toyotomi Hideyoshi tinha consciência do papel que os jesuítas desempenhavam junto dos mercadores portugueses, por isso, o *Kampaku* não investiu na expulsão direta dos jesuítas do país.

Diante dessa situação, Portugal, que havia recentemente caminhado para a União Ibérica, acabou sofrendo com a concorrência dos espanhóis e dos missionários de outras Ordens nos seus territórios do Além-mar – principalmente os franciscanos. Os anos finais do século XVI são marcados por uma série de ambigüidades com relação à atuação missionária no Japão. A partir disso, a Igreja reforçaria sua presença na região pela ereção do bispado de Funai (Bungo) em 1588. Um ano mais tarde, os padres franciscanos teriam aportado no arquipélago pela primeira vez, assim, o monopólio jesuítico sobre as missões nipônicas passou a ser contestado.

O início do século XVII é ainda mais duro para os jesuítas. Em 1600, a Igreja romana abriu um precedente autorizando a entrada das demais Ordens religiosas no país, pondo um ponto final no monopólio da Companhia de Jesus. Diante da verdadeira sucessão de fatos, os jesuítas teriam assistido a entrada da Ordem dos agostinhos no Japão, por volta de 1602. Um ano depois, o general Ieyasu Tokugawa é consagrado *Xogum*. A partir do início do seu governo, o novo *Xogum* passou a perseguir todos os cristãos residentes no país. Por conta disso, anos mais tarde, por volta de 1643, os Tokugawa declaram a expulsão geral de todos os estrangeiros do país, dando início ao período de isolamento político conhecido como *Período Sakoku* (HIGASHIBABA, 2001).

REFERÊNCIAS

ALDEN, Dauril. **The Making of an Enterprise: the Jesuits in Portugal, its Empire and beyond, 1540-1750**. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1996.

ALVES, Jorge Manuel dos Santos. **Portugal e a Missionação no Século XVI: O Oriente e o Brasil**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O que Falar quer Dizer: a economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan: 1549-1650**. Los Angeles & Londres: University of Califórnia Press & Cambrige University Press, 1993.

_____. **Fidalgos no Extremo Oriente (1550-1770)**. Macau: Fundação Oriente e Centros de Estudos Marítimos de Macau, 1968.

COMPANHIA DE JESUS, **Cartas Qve os Padres e Irmaos da Companhia de Iesus Escreuerao dos Reynos de Japao & China (1549-1580)**. Ed. Fac-sim de Évora, 1598. Maia: Castoliva Editora, 1997.

COSTA, João Paulo de Oliveira e LACERDA, Teresa. **A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII)**. Lisboa: Paulinas Editora, 2007.

_____. Oda Nobunaga e a Expansão Portuguesa. COSTA, João Paulo de Oliveira e. **O Japão e o Cristianismo no Século XVI: Ensaio de história luso-nipônica**. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.

_____. **A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses**. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995

ELISON, George. **Deus Destroyed: The Image of Christianity in Early Modern Japan**. Cambridge: Harvard University Press, 1973.

FRÓIS, Luís. **História de Japam**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. v.2-4.

HIGASHIBABA, Ikuo. **Christianity in Early Modern Japan: Kirishitan Belief and Practice**. Leiden: Brill, 2001

JANSEN, Marius B. **The Making of Modern Japan**. Massachusetts: Harvard University Press, 2000.

MASON, R.H.P. e CAIGER, J.G. **A History of Japan**. Tóquio: Tuttle Publishing, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PINTO, Ana Fernandes. **Uma imagem do Japão: A Aristocracia Guerreira Nipônica nas Cartas Jesuíticas de Évora, 1598**. Macau: Instituto Português do Oriente e Fundação Oriente, 2004.

SÁ, Michele Eduarda Brasil de. Primeiras Relações Comerciais entre Portugal e Japão (1543-1639): convergência de interesses, choques de culturas. **Textura: Revista de Letras e História**. Canoas: Universidade Luterana do Brasil, 2006. n.13.

THOMAZ, Luís Felipe F.R. **Nanban Jin: os portugueses no Japão**. Lisboa: Correios de Portugal, 1993.

YAMASHIRO, José. **História dos Samurais**. São Paulo: Ibrasa, 1993.

YUSA, Michiki. **Religiões do Japão**. Lisboa: Edições 70, 2002.

Recebido em: 05/01/2010

Aprovado em: 24/02/2010